

UM OLHAR SOBRE O AUTISMO

Tereza Cristina Barros Ribeiro¹

A psicanálise com criança surgiu há mais de cem anos, com a análise do pequeno Hans, realizada por Freud através do pai da criança. A partir dessa época os analistas ficaram fascinados com a possibilidade de compreender sobre as causas dos conflitos e das angústias infantis. Em 1908, psicanalistas iniciaram suas escutas com crianças e desenvolveram técnicas especiais para esses novos pacientes. Até os meados de 1945, quem dominou esse conhecimento foi *Anna Freud e Melanie Klein*, elas criaram duas escolas com esse perfil. Foi Melanie Klein quem pensou em uma clínica psicanalítica com autistas, ela usou como ferramenta de sua atuação a técnica do brincar, afirmando que é através do brincar que a criança expressa suas fantasias e expõe seus conteúdos para o analista. Porém, quem primeiro utilizou o termo “autismo” foi o psiquiatra Leo Kanner em 1943, que o nomeou como sendo “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo”.

Este artigo faz considerações sobre o transtorno autista numa perspectiva psicanalítica. Está fundamentado basicamente na teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott que relaciona falhas e interrupções na relação mãe - bebê e ambiente facilitador como possíveis fatores de risco para o desenvolvimento do autismo. O autismo é uma síndrome bem difícil de ser diagnosticada por ter variações, níveis, gravidade e manifestações diferenciadas, possível de ser confundida com outras psicoses. É um transtorno que expõe uma fragilidade psíquica e orgânica capaz de confundir o olhar clínico mais experiente. Os sintomas autísticos se confundem e se misturam com distúrbios neurológicos, sensoriais e deficiências intelectuais, sendo alguns de origem genética. Segundo José Raimundo Facion (2007, introdução) o autismo é um subtipo dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), “que apresentam em comum prejuízo severos e invasivos nas diversas áreas do desenvolvimento (dificuldades relativas às habilidades de interação social recíproca e de comunicação ou presença de comportamentos estereotipados e movimentos repetitivos)”.

Existem algumas hipótese de como se dar este fenômeno, entre elas, segundo Leda Mariza Bernardino, Cristina Kupfer e Cristina Lenz Dunker (2012, p.40):

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta de base analítica, Pós Graduanda em Clínica Psicanalítica

As teorias organicistas veem o autismo como consequência de uma deficiência influenciada pela predisposição genética, que atingiria diversas funções neurofisiológicas. Aparentemente essas hipóteses são inconciliáveis com uma soma considerável de trabalhos psicanalíticos e de psicologia que diferem o autismo por sua posição de exclusão, o que condicionaria o isolamento da criança (retraimento ao laço social), (seu fechamento de interesses pela diversidade de objetos de intercâmbio) e a evitação de todo ato de fala própria e de utilização plena da linguagem.

Winnicott considera que o psiquismo humano se desenvolve a partir da relação da criança com outro que a acolhe. Ele enfatiza que as experiências infantis são decisivas para o desenvolvimento psicoemocional saudável da criança e quando são traumáticas ficam registradas em seu psiquismo, comprometendo esse desenvolvimento. Segundo este teórico, a história de vida da mãe, a história individual da criança e seu meio ambiente específico, contribuem para o diagnóstico de possíveis transtornos psíquico e/ou promovem estabilidade mental ao bebê. (ARAÚJO 2002).

O pioneiro na clínica com autista, Kenner (1983/1997), afirmava ser possível detectar o autismo já no primeiro ano de vida. Como é um transtorno de difícil diagnóstico, a criança passa por inúmeros profissionais, o que compromete o tratamento, pois quanto mais cedo cuidar melhores os resultados. Desde 1943 alguns teóricos que estudam o transtorno autista formularam diferentes hipóteses e visão sobre o assunto. Alguns defendem que a causa está diretamente ligada às falhas na relação mãe-bebê, revelando uma dificuldade que a mãe tem de vivenciar sua maternagem, conseqüentemente a criança sente este desamparo e adocece. Entre esses teóricos está Winnicott e Mahler, também psicanalista que atribui o autismo a uma psicose simbiótica, afirmando que a causa da doença está no mau relacionamento entre mãe e filho (FACION, 2007). Entretanto, esse fator pode estar associado a outros fatores etiológicos, tais como: questões genéticas, ambientais e sociais.

Quando o encontro primordial falha, seja por parte da criança ou da figura materna, o primeiro elo do circuito pulsional não surge. Desse modo, abram-se as portas para distúrbios do desenvolvimento, como o autismo. (GRAZIELA. 2010 p. 37).

Winnicott enquanto pediatra teve a oportunidade de acompanhar mães e bebês, através da observação e da escuta e pode comprovar que as dificuldades próprias de cada um - quer sejam nas tendências herdadas, quer sejam na influência do ambiente ou na interação de ambas - poderão provocar adoecimento psíquico.

Fallinger num estudo com 44 crianças autistas observou que a separação da mãe neste grupo havia sido significativamente maior que no grupo de controle (crianças que não apresentavam o transtorno) (...). Porém, este pesquisador notou que, embora a separação da mãe influencie negativamente o desenvolvimento da criança, isso não se constitui em um fator causador do autismo. (FACION, 2007, p 42)

Para Winnicott, cada criança nasce com potencial para se desenvolver, cabe a “mãe suficientemente boa” garantir-lhe sua saúde mental, dando continuidade ao seu sentido de

pertencimento. A criança /e ou cuidador significa para o bebê o simbolismo da lei onipotente, aquela que tudo sabe e tudo pode, trata-se de uma lei de capricho da qual a criança está submetida, somente a mãe é capaz de nutrir as necessidades da criança, a lei depende de sua boa vontade. Essa fase deve ser respeitada. Existe a hipótese de que na privação da figura materna a criança corre o risco de entrar nas psicoses, entre elas o autismo. Esta colocação reitera os achados da pesquisa de Fellingner.

Para Winnicott a “mãe suficientemente boa” vai garantir uma adaptação ativa às necessidades da criança, dentro do qual esta poderá vir a criar um ambiente pessoal seguro, superando o estado inicial de dependência absoluta. Na fase de *dependência absoluta* a mãe encontra-se em um estado bem peculiar denominado pelo autor de *preocupação primária materna*, nessa fase a mãe de forma espontânea dirige seu foco de atenção exclusivamente para seu bebê, satisfazendo todas as suas necessidades. A *mãe suficientemente boa* exerce três funções essenciais: holding (sustentação) handling (manuseio) e apresentação de objetos.

O *holding* inclui a comunicação silenciosa entre a mãe e seu bebê e é a raiz de todas as outras comunicações entre os seres humanos. É através do *holding* materno que a criança se sente integrada em si mesma e começa a experimentar uma sensação de diferenciação do mundo em que vive (DOMINGUES, internet).

O handling, acontece nos cuidados com o bebê que envolve o toque, o contato corporal o manuseio “o que promove a personalização, por meio da qual a psique se aloja no corpo” (SAFRA, 2010, p. 71). Para Winnicott, o pai deve garantir que o ambiente físico esteja seguro permitindo que a mãe desenvolva sua maternagem com confiança, ele entra na relação da díade mãe-bebê para garantir apoio, segurança e proteção a mãe. É importante destacar que não somente a figura da mãe estabelece o *holding* e *handling*, mas a figura paterna e outras pessoas que exercem a função de cuidador, como os avós, irmã mais velha, tios, etc. É fundamental que esse cuidador esteja investido de amor para dar ao bebê e disponibilidade para cuidar dele de forma que venha a contribuir com o desenvolvimento saudável da criança.

Considerações Finais

Diversos psicanalistas, tais como Margarethe Mahler, Francis Tustin e Winnicott defendem a importância das relações objetais na primeira infância como fundamental para a saúde psíquica do bebê e da criança. Apesar das diferenças entre suas produções teóricas, eles compartilham da compreensão do autismo enquanto expressão de um quadro de psicose. Atualmente, o autismo tem acometido muitas crianças e pesquisas científicas ainda não chegaram ao um consenso sobre suas origens, alguns defendem fatores orgânicos, outros genéticos e há ainda os que apontam fatores ambientais. Sabe-se que este transtorno pode vir associado a diversos problemas neurológicos e ou neuroquímicos (FACION, 2007).

Há entre alguns psicanalistas, a tendência a associar o surgimento do autismo a questões relativas a falhas na relação mãe-bebê. A hipótese é que falha nessa relação possa desencadear a manifestação de transtornos psicológicos infantis, entre eles o autismo. Percebe-se que a maternidade evoca diversos sentimentos ambíguos na mãe que, muitas vezes - pela própria idealização cultural do papel da mãe - tem dificuldades de aceitar e lidar com estas emoções contraditórias. O bebê, devido à relação fusional vivenciada nos primeiros meses de vida com a sua mãe, necessita de que a mesma desenvolva competências maternas suficientes para lidar com as suas necessidades primordiais. Esta necessidade é suprida, segundo Winnicott, pela *mãe suficientemente boa* e *ambiente facilitador* que fornecem os fatores essenciais para o desenvolvimento psíquico saudável do bebê.

É importante resaltar que Winnicott não culpabilizava as mães, mas as responsabilizava, assim como aos cuidadores, pelo surgimento e manutenção do transtorno, caso haja abandono, negligência, falta de cuidados e de cumplicidade. É notável o sofrimento da mãe de autistas ao perceber que seus apelos para chamar a atenção da criança tem como resposta um olhar vazio, alheio aos seus encantos. Com isso emergem diferentes sentimentos, como frustração, medo, ansiedade. Em alguns casos, essa situação pode ocasionar a falta do desejo materno de investir afetivamente na construção deste vínculo, o que provoca o distanciamento entre ela e o bebê, prejudicando o desenvolvimento do sujeito. O essencial é oferecer apoio e suporte a família.

É fundamental acreditar que é possível o despertar da subjetividade e ver surgir ali o emergir do sujeito, mesmo que seja muito primitivo, lento e sutil. Na clínica com autistas é de vital importância que o analista deseje investir na construção do vínculo entre ele e o outro que chega, pois é através dessa relação que o psiquismo pode emergir. A função primordial do analista é acolher os pais e familiares do autista, informando-lhes sobre possíveis evoluções no tratamento, isso quando a família acredita e investe a favor do mesmo.

Há muitas incógnitas sobre o autismo, sua origem ainda não foi associada a nenhuma causa específica e nem comprovada cientificamente. Existem, entretanto, diferentes hipóteses sobre os fatores que podem influenciar o seu surgimento. Esse artigo aponta para um desses possíveis fatores, a partir da teoria winnicottiana, que defende que as falhas na relação mãe-bebê podem causar possíveis transtornos no desenvolvimento infantil, entre eles o autismo. Ainda é cedo, diante das atuais pesquisas, para determinar ou ter conclusões fechadas sobre o tema. Contudo, essas considerações psicanalistas merecem ser consideradas.

Referências

SANTOS, Manoel Antônio dos. **A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses.** *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1999, vol.12, n.3, pp. 00-00. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300005>.

FACION, José Raimundo. **Transtornos do Desenvolvimento e do Comportamento.** 3.ed.Curitiba: Ibpec, 2007. 143p.

LUFT, Lya. **Perdas e Ganhos.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

SAFRA, Gilberto. **Klein e Winnicott.** In REVISTA MENTE CÉREBRO. São Paulo. p. 49-83, 2010.

WINNICOTT, Donald W. **Conversando com os Pais.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.